

PUBLICAÇÕES EDIPUCRS



ENTRE A TRANSPARENCIA E A OPACIDADE

Jacqueline Authier-Revuz
14x21cm., 2004, 260p.

EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 - Porto Alegre - RS/Brasil
www.pucrs.br/edipucrs
E-mail: edipucrs@pucrs.br
Fone/Fax: (51) 3320.3523

Ditongos variáveis no sul do Brasil

Marisa Porto do Amaral
FURG

Resumo: Este estudo pretende descrever e analisar um fenômeno muito observado na fala: a variação dos ditongos orais decrescentes ou monotongação. Sob o ponto de vista da Teoria da Variação e a partir de dados do Projeto VARSUL, busca-se identificar os fatores lingüísticos e extralingüísticos que influenciam a aplicação da regra. Foram escolhidas três cidades do interior do Rio Grande do Sul de etnias diferentes, porque se parte do pressuposto de que a variação está sedimentada em nosso estado como no resto do país, mas as diferentes origens étnicas poderão indicar ou não as mesmas tendências para a redução do ditongo manifestadas nos estudos sistemáticos do processo. As variáveis a serem controladas são: classe de palavra, contexto seguinte, posição do ditongo, tonicidade (lingüísticas); faixa etária, grupo geográfico e escolaridade (extralingüísticas). Também pretende-se comparar os resultados desta pesquisa com os de outras já realizadas (Meneghini, 1983; Paiva, 1996; Cabreira, 1996; Silva, 1997 e Araújo, 2000).

Palavras-chave: Variação fonológica. Ditongos decrescentes. Monotongação.

Abstract: This study deals with the alternation *ei ~ e*, which is a falling diphthong variation (also called monophthongization) in spoken Portuguese of the South of Brazil in three cities with different ethnic groups in Rio Grande do Sul state: Flores da Cunha, Panambi and São Borja. We follow the theoretical support of the Variation's Theory in VARSUL databank to identify linguistic and extralinguistic variables that influence the application of the rule. The linguistic variables to be focused on are: word class, next context, position of the diphthong, tonicity. The extralinguistic variables to be studied are: age, ethnic group and schooling. Our aim is to compare our data results with the findings of previous studies (Meneghini, 1983; Paiva, 1996; Cabreira, 1996; Silva, 1997 e Araújo, 2000).

Key words: Phonological variation. Falling diphthongs. Monophthongization.

Introdução

A variação ditongos orais decrescentes ou monotongação é um fenômeno já bastante discutido em todo o território brasileiro, haja vista a quantidade de trabalhos realizados em diversas regiões. Contudo resolveu-se verificar sua ocorrência em cidades de diferentes colonizações no Rio Grande do Sul, que fazem parte do Banco de Dados do Projeto VARSUL e que, por serem zonas de imigrantes ou de fronteira, poderão apresentar peculiaridades em sua fala: Flores da Cunha (colonização italiana), Panambi (colonização alemã) e São Borja (fronteira com a Argentina) que compõem a amostra de 42 informantes.

Inicialmente algumas considerações a respeito do fenômeno serão feitas, tanto na perspectiva fonético-fonológica: Bisol (1989, 1994), Schane (1995) como na perspectiva variacionista, traçando comparações com análises já realizadas: Meneghini (1983) – Ibiaçá (RS), Paiva (1996) – Rio de Janeiro, Cabreira (1996) – Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre: Projeto VARSUL, Silva (1997) – João Pessoa (PB), Araújo (2000) – Caxias (MA).

Acredita-se que o fenômeno da monotongação é condicionado mais por fatores lingüísticos (contigüidade do segmento, por exemplo) do que sociais, e que talvez haja mais monotongação nos informantes de São Borja, por ser um município de fronteira com um país de fala hispânica pois, nesta língua, a maioria das palavras em que, no português, ocorre a variação, já foram monotongadas pelo processo evolutivo da língua. Os resultados estatísticos, obtidos pelo programa VARBRUL, são apresentados segundo a metodologia laboviana.

Por último, apresentar-se-ão a análise dos resultados e a conclusão do trabalho.

Sobre os ditongos

Tradicionalmente, os gramáticos definem *ditongo* como um encontro vocálico formado por uma vogal e uma das semivogais /j/ ou /w/ na mesma sílaba, em que a vogal é o núcleo e a semivogal pode vir antes ou depois da vogal, constituindo respectivamente o chamado ditongo crescente ou decrescente.

No que tange ao aspecto fonético, *ditongo* é termo usado na classificação fonética dos sons vocálicos com base em seu modo de articulação: existe uma mudança perceptível na qualidade da vogal durante a sílaba, como em *caixa, seu, noiva*. Já monotongo refere-se a uma vogal (uma vogal pura que não sofreu nenhuma mudança per-

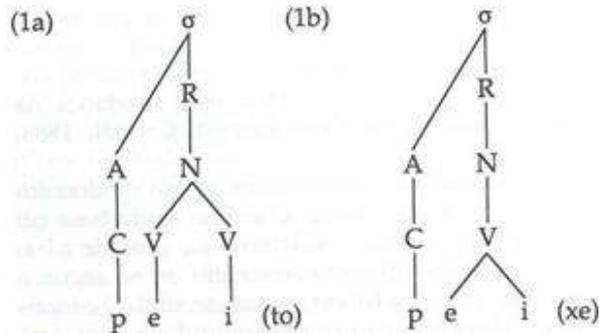
ceptível durante uma sílaba, como nas palavras *par, cós, pé*. As vogais cuja qualidade se altera são conhecidas como ditongos (ou tri-tongos). Em alguns estudos diacrônicos e de dialetos, pode-se encontrar um processo de monotongação, isto é, uma mudança na qualidade da vogal, de ditongo para monotongo (Crystal, 1988, p. 87).

Quanto ao aspecto fonológico, *ditongo* é um grupo de dois fonemas vocálicos na mesma sílaba sonora. Constitui-se da base ou vogal silábica, e de uma vogal auxiliar assilábica, que precede a base, na parte crescente da sílaba (ditongo crescente) ou se segue à base, na parte decrescente da sílaba (ditongo decrescente). O conceito de ditongo está essencialmente ligado ao de sonoridade, pois uma vogal base é, em geral, mais sonora que as outras. Depende igualmente de uma oposição distinta com vogal simples, como em *- pai* ou *pau* em face de *pá*, *qual* em face de *cal*; quando falta essa oposição, como em português os vocábulos de final *em*, [ɛj(n)], a pronúncia ditongada da vogal equivale a vogal simples ou ditongo monofonêmico (Câmara Jr., 1981, p. 101-102).

Câmara Júnior (1975, p.68) aponta um ditongo crescente, enumera 11 ditongos decrescentes [aj, aw, ej, ej, ew, iw, oj, oj, ow, uj] e acrescenta [ow], criado pela vocalização da lateral /l/ em posição final de sílaba (*lençol*). Desses, os ditongos [aj, ej, ow] são considerados os mais variáveis. Há trabalhos como o de Cabreira (1996) e Silva (1997) que sustentam serem os únicos variáveis. Apesar de poucas ocorrências, em nossa amostra surgem outros como *coisa ~ cosa, depois ~ depos*, que não costumam ser objeto de análise. Uma vez que a monotongação de [ow] já está praticamente implementada no sistema, como uma mudança em progresso, e a monotongação de [aj] acontece apenas antes de palatais, resolveu-se examinar então o comportamento do ditongo [ej] que, pelas análises já realizadas, parece ter condicionamentos um tanto diferentes na monotongação (comprovados na literatura).

Para explicar fonologicamente a monotongação do ditongo, observemos, ainda que brevemente, duas propostas: a de Bisol (1989, 1994) fundamentada na Teoria da Geometria de Traços (Clements, 1985, 1991) e a de Schane (1995), fundamentada na Fonologia de Partículas (FP).

Bisol (1989, 1994) distingue dois tipos de ditongo no português: o fonológico e o fonético ou o verdadeiro e o falso ditongo. O primeiro é de natureza lexical, ou seja, na estrutura subjacente é representado por duas vogais; já o ditongo leve é pós-lexical, isto é, só aparece uma vogal na subjacência, formando-se o glide em nível mais próximo à superfície, num processo de assimilação de traços, conformel(a-b).



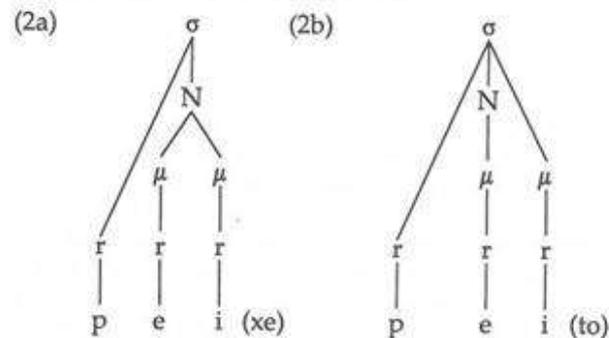
Vê-se em (1a) que, o ditongo *verdadeiro* ou *pesado* está ligado a dois elementos VV, na camada da rima, e é irreduzível; em (1b) o ditongo *falso* ou *leve*, está ligado a um único elemento V, na camada prosódica. Pela proposta, palavras como *peixe*, *faixa*, *queijo*, com as variantes ditongo ~ vogal na fala, possuem uma só vogal na subcâmbia, e a variante com ditongo tem a sua origem no traço secundário da palatal que, ao expandir-se, cria o glide epentético. A autora refere que *esse comportamento reflete o fato histórico de que a fonte latina do ditongo antes de palatal não mostra posição para o glide, enquanto o faz no caso do verdadeiro ditongo* (Bisol, 1989, p. 192). Neste caso, o glide aparece por substituição ou apagamento de uma consoante na coda: tomando seu lugar, tende a ser preservado (reitor > rector); mas se for criado por espraiamento diante de palatal (peixe > piscis), forma um ditongo que não assume função distintiva nos termos da fonologia clássica.

Em outra perspectiva, Schane (1995) explica a relação entre ditongos e monotongos através da Fonologia de Partículas que opera com um conjunto de traços unitários (partículas): /a/ representando a abertura, /i/ representando a palatalização e /u/ representando a labialização.

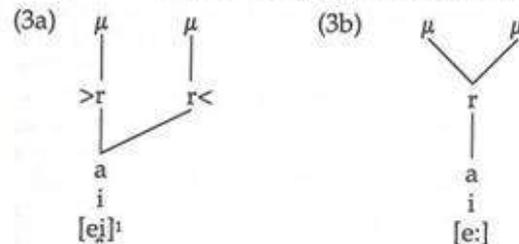
	[i]/[ə]	[a]	[i]	[u]	[e]	[o]	[ü]	[ö]
1	-	a	i	u	a	a	i	a
					i	u	u	i
								u

A representação acima mostra as vogais e suas combinações de partículas. Assim, uma vogal como [u] é constituída apenas pela partícula 'u', ao passo que [o] é constituída pelas partículas 'a' e 'u'.

Esse modelo distingue dois tipos de ditongos: os que têm duas unidades de tempo no interior do núcleo (conseqüentemente, dois nós de raiz), e os que portam apenas uma unidade de tempo (conseqüentemente, um nó de raiz). Com base no peso do núcleo, vê-se que os primeiros têm glide de núcleo e alternam com a vogal simples, são os ditongos variáveis que dão origem aos monotongos; os últimos são formados por um glide de coda e não variam. Para o português, Araújo (2000) propõe representações fonológicas dos ditongos exemplificadas abaixo:



Devido ao número de nós de raiz que distinguem ditongos de monotongos (2 vs 3), a monotongação para Schane (1995, p. 590) pode ser definida como a fusão ou fechamento dos nós r de núcleo de um ditongo. Conseqüentemente, todas as partículas se tornarão compartilhadas, como se pode ver a seguir:



¹ Esta representação indica que se trata de um ditongo com glide de núcleo (variável) como em 2^a, para se opor a [ej] que indica ditongo com glide de coda (invariável), como em 2b.

É importante ressaltar que o ditongo partilha /i/ e, neste partilhamento pode resultar em uma vogal longa [e:], monotongando-se, resultando numa sobreposição de segmentos. As setas apontando para os nós *r* em (3a) simbolizam a fusão que resultará em (3b), isto é: qualquer partícula ocorrida em separado de uma ou outra metade de um ditongo estará sob o mesmo nó *r* da vogal reduzida.

Para o autor, o produto da monotongação é uma vogal longa, ainda que se manifeste reduzida.

Estudos variacionistas

Pesquisas sociolingüísticas que vêm sendo realizadas há pouco mais de 20 anos em diferentes regiões do país mostram aspectos que se repetem ou que divergem na identificação do fenômeno.

Meneghini (1983) realizou seu estudo com falantes do município de Ibiaçá-RS, estudo este que abrangeu todos os ditongos orais decrescentes da língua portuguesa. Seu objetivo consistia em identificar os ditongos que estavam sujeitos à perda da semivogal e qual a influência de variáveis lingüísticas (contexto posterior e tonicidade) e sociais (zona rural ou urbana, sexo e idade), num total de 9.233 dados. Dos ditongos apenas três mostraram estar sujeitos à monotongação: [ej], [aj] e [oj].

Paiva (1996) analisou a supressão de [j] e [w] nos ditongos decrescentes, em 44 entrevistas de falantes do município do Rio de Janeiro, em 3.133 dados, dos quais 2.111 do ditongo [ej] e 1.022 do ditongo [ow]. A hipótese que norteou seu trabalho é de que o fenômeno é condicionado por fatores estruturais e não sociais. A autora também apresentou evidências de que a monotongação de [ej] e de [ow] são dois processos diversos, com condicionamentos fonéticos distintos, já que a supressão de [w] é muito mais geral e irrestrita do que a de [j]. Conclui que a monotongação de [ej] é determinada, principalmente, pelo contexto fonético seguinte: as palato-alveolares [ʃ, ʒ] e o tepe [r]. Quanto à monotongação de [ow], esta opera independentemente da influência de variáveis lingüísticas ou sociais, ou seja, ocorre em qualquer contexto. Pelos resultados, Paiva suspeita que a mudança de [ow] para [o] já esteja totalmente implementada no sistema.

Cabreira (1996) estudou a supressão das semivogais dos ditongos [aj], [ej] e [ow] no português falado nas cidades de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. Sua análise mostra que nos dois primeiros, existe um condicionamento fonético categórico: o ditongo [aj] só é monotongado quando seguido por fricativa palato-alveo-

lar; e o ditongo [ej], apenas quando seguido por fricativa palato-alveolar ou por tepe. Nesses contextos, a supressão das semivogais é influenciada pela posição do elemento seguinte, pelo grau de escolaridade e sexo dos falantes, pela natureza morfológica do ditongo e pela variedade geográfica.

Silva (1997), também examina a redução dos ditongos [aj, ej, ow] a monotongo em falantes da cidade de João Pessoa (PB), obtendo os mesmos condicionamentos fonéticos que Cabreira. Desses ditongos, o ditongo [aj] é o que menos favorece a aplicação da regra. O ditongo [ej] apresenta frequência maior que o ditongo [aj] e menor que o ditongo [ow]. No contexto de tepe, os percentuais encontrados levam a autora a concluir que é uma mudança praticamente consumada, resultado também encontrado em Paiva e Cabreira. As elevadas frequências (99%) para todas as variáveis indicam que este ditongo encontra-se num estado de mudança praticamente consumado, conforme Bisol (1989), Paiva (1993) e Cabreira (1996).

Araújo (2000) discute a monotongação do ditongo [ej] na fala de informantes da cidade de Caxias (MA) questionando sua implementação: se pelo modo regular, no espírito neogramático (mudança no som), afetando simultaneamente todos os itens de uma mesma classe ou por difusão lexical (mudança na palavra), não afetando todas as palavras ao mesmo tempo. Seus resultados concluem que o processo de monotongação está correlacionado aos fatores lingüísticos: segmento seguinte, velocidade da fala e tonicidade da sílaba, e aos fatores extralingüísticos: escolaridade e idade dos informantes. Quanto à implementação da mudança, tais resultados, para a autora, não são conclusivos: "ora fornecendo evidências a favor da hipótese Neogramática, ora a favor da abordagem Difusionista" (p. 134).

Lemle (1978, p. 68) referindo-se aos ditongos decrescentes, diz que, no Rio de Janeiro, a redução do ditongo por supressão da semivogal já deixou de ser marca lingüística não-padrão, ao contrário do que acontece com os ditongos crescentes (anúncio>anunço), tal o avanço de certos tipos como [ej] e [ow], embora a redução de [ej] seja menos geral, em termos de contexto fonético.

Em seu artigo *Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa* (1978, p. 60) diz que uma atitude lúcida diante dessa heterogeneidade dialetal, da parte dos professores, é um dos requisitos básicos para o ensino da língua, tendo em vista o disciplinamento da expressão espontânea de seus alunos. E o caminho para tal lucidez é, primeiramente, compreender os fatores que determinam a variação dentro de uma mesma língua; depois, conhecer os fatos específicos dessa variação na área em que o professor atua.

Pesquisas orais respondem ao apelo de Lemle que motivam pesquisas na escrita.

Especificamente no caso dos ditongos variáveis, citam-se Mollica (1998), ao verificar a influência da linguagem oral na escrita de crianças de 1ª a 4ª série, no Rio de Janeiro, no que tange ao uso de [ej~e], e Tasca (2002) ao abordar aspectos da interferência da língua falada na escrita, detendo-se especificamente nos contextos de [ej] e [ow] com alunos das séries iniciais, em Porto Alegre.

A constituição das variáveis

Para a verificação do fenômeno em estudo – a variação do ditongo [ej] – nas três comunidades escolhidas, faz-se uso de *regras variáveis*, que expressam a covariação entre elementos do ambiente lingüístico e do contexto social.

a) Variáveis dependentes

Foi estabelecida uma variável dependente para operar com o fenômeno [ej]: o apagamento da semivogal [j] e a realização do ditongo.

b) Variáveis independentes

As variáveis independentes, controladas nesta pesquisa, dividem-se em variáveis lingüísticas e extralingüísticas.

São variáveis lingüísticas:

1) *classe de palavra:*

a) nome: cruzeiro; b) verbo: deixei; c) outra classe: primeiro.

Escolheu-se esta variável para verificar se a preservação ou a monotongação do ditongo acontece mais em classes maiores como a do verbo e a do nome, ou em outras classes como a do pronome, da conjunção, do advérbio, etc.

2) *contexto fonológico seguinte:*

- tepe ou vibrante simples: palmeira
- fricativa palato-alveolar: beijo
- coronal: colheita
- dorsal: manteiga
- labial: teima
- antes de vogal: meia
- antes de pausa: sei

Tem-se como pressuposto que esta variável ocupa um papel fundamental na variação do fenômeno, pois o contexto que segue o glide é determinante para a redução ou não do ditongo. Com a divisão estabelecida, busca-se detectar quais os segmentos de maior efeito sobre o processo, esperando-se que segmentos que compartilham maior número de propriedades fonéticas com a semivogal precedente sejam os responsáveis pelos maiores índices de monotongação.

3) *posição do ditongo:*

a) no radical: *queixa*; b) no sufixo: *brasileiro*.

Esta variável pretende verificar se a monotongação do ditongo está sujeita ao condicionamento morfológico, ocorrendo mais na base ou na terminação da palavra. Na literatura consultada, existem divergências: enquanto para Paiva (1993) o sufixo está mais sujeito ao apagamento, para Cabreira (1996) é o radical.

4) *tonicidade:*

a) sílaba tônica – *brincadeira*; b) sílaba pretônica – *feijão*;
c) sílaba postônica – *vôlei*

Uma vez que em trabalhos anteriores, esta variável traz resultados diferentes, resolveu-se verificar se o ditongo ou o monotongo encontram-se na sílaba tônica ou na(s) sílaba(s) átona (s) que a precede(m) ou a segue(m).

São variáveis extralingüísticas:

5) *faixa etária:*

a) menos de 50 anos; b) mais de 50 anos

Pesquisas sustentam que os jovens tendem a implementar mudanças mais frequentemente que as pessoas de mais idade. Com esta variável, investiga-se a influência deste fator sobre a monotongação. Posteriormente, haverá desdobramento em três faixas, porque tem-se expectativa de que tal recorte nos dará uma interpretação mais segura dessa variável.

6) *grupo geográfico:*

– Flores da Cunha
– Panambi
– São Borja

O fato de essas três cidades serem de etnias diferentes é a razão da escolha. Flores da Cunha é de colonização italiana; Panambi é de colonização alemã; São Borja é uma cidade fronteira com a Argentina. Em vista disso, espera-se que a cidade de São Borja apresente mais redução do ditongo do que as demais, uma vez que, por evolução do espanhol, já tem monotongadas várias palavras que sofrem variação, no português.

7) *escolaridade:*

- a) primário; b) ginásio; c) 2º grau

A escolaridade tem-se mostrado uma variável importante na análise sociolingüística. As três faixas acima seguem a distribuição do VARSUL.

Análise dos resultados

No desenvolvimento da análise, duas variáveis foram selecionadas sempre: o contexto seguinte e a faixa etária, mostrando que são elas as principais responsáveis pelo processo.²

1 Contexto fonológico seguinte

Assim como na análise de Araújo (2000), o segmento seguinte à semivogal mostra-se o fator mais importante na monotongação de /ey/.

Na primeira rodada, retiramos o fator (velar) por referir-se apenas à palavra manteiga, situação já demonstrada por Paiva (1996), o que poderia estar mascarando os resultados. Mas deixamos o fator *pausa* que mostrou apenas um caso de monotongação em final de palavra (1/1880) com um peso relativo quase nulo 0,02. Na segunda rodada, acrescentamos o fator (velar) e excluímos dois fatores: o fator *pausa*, por ter-se mostrado praticamente categórico na preservação de [j], e o fator (labial) por apresentar poucos dados, ou seja, (2/6) itens monotongados. O resultado apontou para o tepe com 97% de freqüência e um peso relativo de 0,72. Os demais não se mostraram favoráveis. Em vista disso, resolveu-se amalgamar os fatores *alveolar*, *labial* e *velar*, procedendo-se a uma nova rodada.

Os resultados obtidos para esta variável encontram-se dispostos na Tabela 1.

² Uma variável – estilo – não foi controlada, mas observa-se que o uso do ditongo está relacionado com uma linguagem mais tensa, mais cuidada, no início da entrevista. Praticamente todos os falantes começam com a forma ditongada e, na segunda ou terceira vez, já fazem a monotongação.

Tabela 1
Efeito do contexto seguinte

Fator	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Outros (treinamento)	28/145	19%	0,2
Palato- <i>alv.</i> (feijão)	210/231	91%	0,56
tepe (beira)	816/840	97%	0,68
Total	1054/1216	87%	

Input 0,90

Significância = 0,001

Desta vez, confirma-se a correlação positiva dos fatores *tepe* (0,68) e *palato-alveolar* (0,56) com a aplicação da regra. O contexto *tepe* concentra a maior quantidade de ocorrências (816/840).

A influência exercida pelos segmentos *tepe* e *palato-alveolar* já se verifica na teoria, como podemos observar em Lemle (1978), Bisol (1989, 1994) e em pesquisas sociolingüísticas: Meneghini (1983), Paiva (1996), Cabreira (1996), Silva (1997) e Araújo (2000). A influência do *tepe* /r/ deve se dar por ser o segmento consonantal que possui o maior número de propriedades vocálicas [+soa] e [+cont]. Com relação às palatais, o glide é criado pelo espriamento do traço [+alto] da palatal, traço esse compartilhado por dois segmentos vizinhos. Esse condicionamento da regra por segmentos coronais altos também encontra motivações no castelhano, em que o [j] desaparece em posição contígua à palatal: *beijo*>*beso* deixar>*dejar* (Naro, 1973, p. 125).

Parece que nosso pressuposto está confirmado: segmentos que compartilham maior número de propriedades fonéticas com a semivogal precedente são os responsáveis pelo maior índice de monotongação. As *palato-alveolares* [ʃ] e [ʒ] são também o contexto preferido para monotongação do ditongo [aj], em que se mostra praticamente categórico, conforme atestam pesquisas anteriores: Lemle (1978), Meneghini (1986), Paiva (1996) e Cabreira (1996).

2 Faixa etária

A faixa etária costuma ter um importante papel na análise quantitativa, pois como está associada à estrutura familiar, social e à autoridade pode refletir no comportamento lingüístico.

Esta variável faixa etária foi a segunda escolhida pelo programa, na primeira rodada. Seguiu-se o critério do VARSUL que distribui a amostra em duas faixas (menos de 50 e mais de 50 anos), conforme a Tabela 2.

Tabela 2
Efeito da faixa etária

Fator	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Menos de 50	472/1525	31%	0,63
Mais de 50	583/1644	35%	0,38
Total	1055/3169	33%	

Input 0,03

Significância = 0,008

O resultado mostra que os falantes com menos de 50 anos usam mais a monotongação (0,63) do que os falantes com mais de 50 anos (0,38). Para termos informações mais confortáveis, resolveu-se redistribuir as idades em três faixas para uma nova rodada, cujo resultado encontra-se na Tabela 3.

Tabela 3
Efeito da faixa etária

Fator	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
26 - 43	367/1160	32%	0,62
44 - 59	421/1167	36%	0,44
+ de 60	267/842	32%	0,41
Total	1055/3169	33%	

Input 0,90

Significância = 0,001

Com base no tempo aparente (Labov, 1972, 1994), o resultado acima nos permite confirmar que são os mais jovens que usam mais a monotongação: os que têm menos de 50 anos, na primeira rodada, e desses, os mais jovens (entre 26 e 43 anos) na segunda rodada. Isso parece ser um indicativo de que a monotongação tende a progredir com o passar do tempo.

3 Tonicidade

Esta variável tem mostrado comportamentos diversos nas pesquisas aqui mencionadas. Meneghini (1983) aponta que, em seu estudo, as sílabas átonas propiciam mais a monotongação. Já Paiva (1996) e Cabreira (1996) concluem que a tonicidade não é relevante para a regra. E Araújo (2000) indica que a sílaba tônica propicia mais a perda da semivogal do que as átonas.

Tabela 4
Efeito da tonicidade

Fator	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Tônica	917/2972	31%	0,49
Pretônica	134/183	73%	0,55
Postônica	4/14	29%	0,92
Total	1055/3169	33%	

Input 0,94

Significância = 0,009

Pode-se observar na Tabela 4 que a monotongação é mais favorecida na sílaba átona, com o peso relativo de 0,92 na postônica (vôlei), porque havia poucos dados, e de 0,55 na pretônica (fronteira). A sílaba tônica mostra-se neutra. Nossos resultados corroboram os de Meneghini (1983) e Silva (1997).

Por ser a tonicidade intensiva (Câmara Jr., 1979, p. 33), em que as sílabas tônicas são produzidas com uma maior força expiratória do que as átonas, espera-se que a perda de segmentos seja mais comum em sílabas átonas, uma vez que são produzidas com menor intensidade: Teixeira (tefe'ri nã).

Mesmo na terceira rodada, quando esta variável não foi selecionada pelo Programa, amalgamaram-se pretônica e postônica (138/197). O peso relativo favoreceu a sílaba átona (0,79) e mostrou ser irrelevante o processo na sílaba tônica (0,48).

Vários autores como Moraes e Wetzels (1992) e Massini-Cagliari (1992), atestam que, em português, as vogais tônicas em sílabas abertas são foneticamente mais longas do que as átonas. É como se as vogais tônicas tivessem uma unidade de tempo a mais do que as átonas. A sílaba com ditongo possui um elemento depois da vogal, o que significa, em termos de duração, uma unidade de tempo depois da vogal. Ao ocorrer a monotongação, o segmento pós-vocálico desaparece e a estrutura da sílaba fica alterada: se a sílaba for átona, o resultado será uma sílaba aberta com vogal breve; se for tônica, o resultado será uma sílaba aberta com vogal longa. De acordo com a perspectiva de Schane (1995), o alongamento da vogal compensa a ausência do glide.

Com respeito à duração, vê-se que é mais um correlato físico considerado para a interpretação dos resultados: a monotongação acontece mais na sílaba átona, ou seja, naquela em que provoca uma redução na duração da sílaba.

4 Classe de palavra

Na terceira rodada, procedeu-se a uma nova amalgamação na variável classe de palavra. Esta, que não havia sido selecionada até então, teve amalgamados os fatores *nome* e *outra classe* (pronomes, numeral, etc.) e foi considerada significativa pelo Programa Varbrul, conforme a Tabela 5:

Tabela 5
Efeito da classe de palavra

Fator	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Não-verbo	924/1141	81%	0,65
Verbo	131/2028	6%	0,41
Total	1055/3169	33%	

Input 0,90

Significância = 0,001

Na Tabela 5, pode-se constatar que a classe em que mais acontece a redução do ditongo é a dos não-verbos (0,65), representada pelo *nome* (queijo, estrangeiro) e *outros* (primeira). Quanto aos verbos (0,41), a frequência é de apenas 6% porque em posição final de 1827 ocorrências, o ditongo apresenta-se categórico (sei, morei, trabalhei), ou seja, na maioria dos verbos. Tal disparidade nos índices de frequência talvez tenha motivado a seleção desta variável no *step up* e seu descarte no *step down* ao rodar o Programa, situação que a caracteriza como variável com status indefinido (Sankoff, 1988, p. 991-992; Brescancini, 2002, p. 47).

Se olharmos para a estrutura verbal, pode-se dizer que não acontece a monotongação quando o morfema é terminal, como em *deixei* [de'jei], mas pode acontecer no morfema base ou radical, como em *deixei* [de'jei], *queira* [ˈkera], *treinado* [tre'nado]. Nesse caso, a monotongação ocorre 63% na sílaba átona, comprovando o resultado da Tabela 4.

Variáveis não selecionadas

As variáveis que não se mostraram significativas na aplicação da regra de monotongação foram:

- posição do ditongo*, indicando que o radical é o melhor contexto para a aplicação da regra;
- escolaridade*, mostrando que os informantes do 2º Grau monotongam mais;

c) *grupo geográfico* não confirmando nossa pressuposição de que os falantes de São Borja (fronteira com a Argentina) monotongariam mais, já que os falantes de Panambi (colonização alemã) estão praticamente empatados: 36% e 34%, respectivamente. Pode-se perceber então que as diferentes etnias não exercem influência sobre a aplicação da regra.

Conclusão

Os resultados aqui encontrados³ corroboram os de outras pesquisas já realizadas nas mais diversas regiões do país.

Podemos constatar que a variação do ditongo [ej], nas três cidades escolhidas – Flores da Cunha, Panambi e São Borja – ocorre devido à influência das variáveis lingüísticas: contexto seguinte (tepe e fricativa palato-alveolar), classe de palavra (nomes), tonicidade (sílabas átonas) e da variável social: faixa etária (23 a 46 anos).

Com isso, comprova-se a pressuposição de que o fenômeno da monotongação é condicionado mais por fatores lingüísticos (contigüidade do segmento) do que sociais. Os dois contextos (tepe e fricativa alveo-palatal) favorecem a aplicação da regra, como foi verificado em todas as pesquisas.

Se levarmos em conta a evidência fonética de que a vogal resultante da monotongação tem um tempo a mais quanto à duração, pode-se lembrar Schane (1995), ao propor o alongamento da vogal para suprir a ausência do glide no processo de monotongação.

A pressuposição de que talvez haja mais monotongação nos informantes de São Borja, por ser um município de fronteira com um país de língua espanhola pois, nesta língua, a maioria das palavras em que, no português, ocorre a variação, já foram monotongadas pelo processo evolutivo da língua, não se confirmou, indicando que a aplicação da regra se dá independente de etnias ou contato lingüístico.

³ Em nosso corpus, aparecem outros ditongos variáveis como [depois >depos, coisa >cosa, ceia >cea] que merecem ser objeto de análise, conferindo se essa redução tem a influência do espanhol ou se é um caso de difusão lexical. Pois, como diz LAPESA (1962, p. 103): "La geografía dialectal moderna nos ha revelado el principio de que cada palabra tiene sua historia aparte".

Referências

- ARAÚJO, M. F. R. Considerações sobre a monotongação do ditongo decrescente [eɪ9] no dialeto de Caxias (MA). In: *Revista Letras*, Campinas, PUC-Campinas, v. 19, n. 1/2, p. 121-137, dez. 2000.
- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.
- . Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.*, v. 10, n. 2, p. 123-140, 1994.
- BRESCANCINI, C. R. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. R. (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 13-75.
- CABREIRA, S. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.
- CÂMARA JR. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- . *Dicionário de lingüística e gramática*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Tradução de Maria C. P. Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.
- LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua española*. Madrid: Escelicer, 1962.
- LEMLE, M. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. *Sociolingüística e ensino do vernáculo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 53/54, 1978.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992.
- MENEGHINI, F. M. *O fenômeno da monotongação em Ibiacá*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1983.
- MOLLIKA, M. C. *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.
- MORAES, J. A. de; WETZELS, W. L. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português. In: ABAURRE, M. B.; WETZELS, W. L. (org.). *Caderno de Estudos Lingüísticos* 23. Campinas: Unicamp, p. 153-66, 1992.
- PAIVA, M. C. A. A Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: SHERRE, M. M. P. et al. (org.). *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1996. p. 218-236.
- SHANE, S. Diphthongization in particle phonology. In: GOLDSMITH, J. (org.). *The handbook of phonological theory*. London: Brasil Blachwell, 1995. p. 586-608.
- SILVA, F. de S. *O processo de monotongação em João Pessoa*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 1997.
- TASCA, M. *Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais: o papel de fatores lingüísticos e sociais*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.